

A CULTURA NEGRA NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NA ACADEMIA PÚBLICA BRASILEIRA.

JOSEFA NEVES RODRIGUES*

RESUMO

Artigo elaborado objetivando a participação no SNH2015- XXVIII, no qual se discute os estudos da cultura¹ e os saberes extraordinários em questão. Através do qual, pretende dar visibilidade à exclusão das populações negras na academia pública brasileira tomando como ponto de partida a supremacia cultural e os modelos cientificistas do século XIX que, são implantados no Brasil sob pressuposto de superioridade de uma “raça” sobre a outra. Discute-se também, as decisões unilaterais das epistemologias que se pretendem capaz de direcionar as populações descolonizadas, desse modo acarretando a perda de suas identidades através do processo de miscigenação brasileira, enquanto construção de identidade nacional. As epistemologias do norte sobre os processos de domínio cultural e a intencionalidade dos modelos cientificistas em perpetuar a superioridade sobre as populações descolonizadas, africanas, afro-brasileiros e indígenas, no Brasil e de certo modo, em torno do mundo.

*Josefa Neves Rodrigues 3^o módulo - STRICTO SENSU. PROGRAMA DE HISTÓRIA PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC-SP. Licenciada em História pelo Centro Universitário Santanense de Ensino Superior – UNISANTANNA, em São Paulo. Bacharela em Jornalismo pelas as Universidades: Braz Cubas – Mogi das Cruzes - SP e Universidade cidade de São Paulo – UNICID, em São Paulo. Especialista em História, Sociedade e Cultura pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. É professora nas disciplinas: História e Literatura, Ciências Sociais entre outras. Têm experiências no ofício de professora na rede pública estadual e na rede particular de ensino, ambas em São Paulo. Além de outras experiências no campo de pesquisa de mercado e de opinião pública e da Comunicação Social.

¹ O conceito de cultura pelos autores e aqui apropriado pela autora, neste artigo, abrange diferentes graus de saberes, comportamentos, e formas viver e sobreviver pertencentes aos diferentes povos mundiais, citados ao longo dessa construção. (A AUTORA).

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte de estudos sobre a experiência dos sujeitos sociais de nossa sociedade, dos conceitos e teorias apresentados pelos autores: Boaventura Sousa Santos, Kabengele Munanga, Antonio Risério, Stuar Hall, Antônio Sérgio Alfredo Guimarães, José Jorge de Carvalho. E, pretende-se discutir as formas de produção cultural das diversas sociedades descolonizadas, especialmente sobre o caso brasileiro, por se fazer parte da geopolítica em que se insere a pesquisa em andamento. Discutir também sua influência exercida sobre as culturas dos povos descolonizados, desenhada sobre o prisma da desigualdade, construída e imposta por via do “ideário”² das Epistemologias do Norte. (SANTOS; MENEZES, 2010, P.31).

Portanto, traça-se uma breve discussão dos conceitos de multiculturalismo e sincretismo, colonialismo e imperialismo, sendo que os últimos são gestados no vazio e nasce no abismo estabelecido pelos processos hegemônicos sobre as populações pertencentes às culturas diferentes. Portanto, são necessárias desconstruções do discurso eurocentrista, quanto à superioridade, “racial” econômica, política e social, em especial em relação aos povos descolonizados do ponto de vista econômico, mas colonizados culturalmente. (SANTOS; MENEZES, 2010, p31-37).

Toma-se como exemplo o caso dos povos africanos, latino-americanos, asiáticos entre outros que são absorvidos pelas culturas dominantes já que o dominador detém o poder sobre a produção cultural e da tecnologia, exercendo assim uma influencia global sobre esses povos. Desse modo, coloca-se o “progresso” planetário nas mãos do “primeiro mundo”, europeus e norte-americanos e a esses cabe decidir o que é cultura ou “subcultura”. (SANTOS; MENEZES, 2010, p.42-43).

Aos novos pesquisadores, cabe, portanto, refletir se esse comportamento do dominador flui na inibição cultural, social e econômica dos povos descolonizados, o que pretende a autora deste trabalho, em seu projeto já em andamento intitulado “A Universidade de São

² A palavra ideário figura entre aspas porque a autora entende que o conceito de epistemologia traduz um modelo de ciência e neste caso, as epistemologias do norte são precedidas de uma determinação ideológica uma vez que se coloca como superior as epistemologias do sul. A autora em, (SOUZA, 2010).

Paulo (USP) no Contexto das Cotas Raciais”, através do qual, pretende-se comprovar a exclusão das populações oriundas do processo de escravidão brasileira na academia pública de São Paulo (USP). (CARVALHO, 2012³) Além de propor soluções que venham reparar tal exclusão das populações negras brasileiras por meio das ações afirmativas, pois sobre essas populações pesa a construção da unidade nacional brasileira, que nas perspectivas dos autores e dos movimentos negros organizados, dos projetos acadêmicos, supõe-se o resgate de uma cultura negada e falsificada em prol de interesses das elites brasileiras e dos europeus, de implantação dos modelos cientificistas do século XIX e das Epistemologias do Norte desde o século XX até o presente em todo o Brasil. (MUNANGA, PP. 445-446, 1999, p53).

1.1 A Cultura na Construção da Identidade Negra na Academia Pública Brasileira.

De acordo com o Professor Kabengele Munanga, a construção de identidade das populações negras, descolonizadas pressupõe o resgate de uma cultura negada e falsificada em prol de interesses europeus desde a colonização e pela implantação dos modelos cientificistas do século XIX. E que, a partir da luta dos Movimentos negros pelo direito à igualdade educacional nas universidades públicas brasileiras, pode-se observar através dessa luta também o resgate da identidade negra. Nesta circunstância, os pensadores trazem para o debate a descontextualização das epistemologias do norte que, em construções abstratas, exercem papéis estruturantes do imaginário imperialista das questões de representação ideológica e do discurso de progresso calcado na “razão” que menospreza os povos descolonizados, em geral de origem africana e indígenas. (MUNANGA, p440-446).

Nesse sentido, a “ciência” chega engendrando o caminho por onde as populações descolonizadas deviam e devem passar. Estas, apesar das resistências, de algum modo acabaram por assimilar tal ideia de identidade nacional que funcionou objetivamente para integrar as diversas resistências à ideia de cultura nacional. Neste contexto, o discurso de Munanga sobre mestiçagem como construção de identidade negra e o sentido político pelo qual se conduziu no Brasil o processo de miscigenação, funcionou como a negação da cultura e da identidade das populações com ancestralidade africana e indígena, por imposição dos sistemas descolonizador/imperialista.

O autor critica e denuncia o processo hegemônico sobre o qual as populações negras

³ <https://www.youtube.com/watch?v=pHo4q1IkWvo> – Acessado em 18/06/2015.

foram submetidas em repressão pelas elites e pelo sistema político instituído no estado brasileiro durante todo o século XIX, de modo que até o presente observam-se os resquícios de tal processo.

[...] No Brasil, onde a ênfase está na marca ou na cor, combinando a miscigenação e a situação sociocultural dos indivíduos, as possibilidades de formar uma identidade coletiva que aglutina negros e mestiços, ambos discriminados e excluídos, ficam prejudicadas. [...]. O surgimento de uma etnia brasileira, capaz de envolver e acolher a gente variada que no País se juntou, passa tanto pela anulação das identificações étnicas de índios, africanos e europeus quanto pela indiferenciação entre as várias formas de mestiçagem [...] (MUNAGA, 2010, p. 445).

O professor Munanga, discute em Darcy Ribeiro a mestiçagem no Brasil, que foi desenhada para o progresso do clareamento de pele, cujo resultado influi hoje nas diversas classificações “raciais” de negros e de negros brasileiros. E, esse foi um projeto promovido pelas elites da época que pretendeu promover o engessamento do negro, no meio educacional, especialmente no meio acadêmico público brasileiro, situação que reflete na exclusão das populações negras nos mais diversos campos da sociedade brasileira, e “esse laboratório” vem promovendo rupturas entre as populações negras, emperrando as lutas e adesões às ações afirmativas⁴ nas universidades públicas do Brasil e também nos demais âmbitos da educação brasileira. Nesse viés, o fenômeno da mestiçagem parece ter menos implicação ideológica do

⁴ Ações afirmativas objetivam atingir dimensões práticas no cotidiano de uma comunidade/sociedade, promovendo resultados concretos que a modifique positivamente, transformando a vida dos indivíduos excluídos dos bens comuns nela produzidos. E por isso sua discussão deve continuar, como forma de sua implementação, ampliação e conscientização de todos que fazem parte da sociedade, comunidade em discussão. São políticas pensadas e elaboradas a partir dos processos históricos que hoje refletem como forma de reparação da exploração do longo processo da escravidão. Mas que, se observado e refletido do ponto de vista jurídico, trata-se de uma obrigação do Estado de Direito, da sociedade independente dos seus níveis de conhecimentos e consciência acerca do problema, como forma de corrigir injustiças cometidas em determinado período histórico. No caso aqui, referimos ao regime escravista e suas conseqüências ainda hoje, presente em toda a ordem social especialmente no meio acadêmico da Universidade de São Paulo (USP). (MUNANGA) Elaborado pela autora amparada na definição da fonte a seguir. <http://etnicoracial.mec.gov.br/acoes-afirmativas-cotas-prouni> - acessado em 04/06/2015.

que do ponto de vista “racial”, embora, aqui no Brasil, segundo a interpretação do autor, não foi o primeiro caso, já que a mestiçagem foi um projeto da ciência, em que o negro foi o objeto de estudo de transformação científica, visando interesses das elites brasileiras, em construir uma nova identidade para o povo negro, dando assim origem a um novo “ser”.

O autor traz à luz que na história do Brasil há lacunas a serem preenchidas, já que as populações negras não foram apenas excluídas do processo histórico, mas, além disso, negou-se o direito à manutenção da cultura e da identidade africana as quais pertencem os negros brasileiros. “Através do processo de discriminação racial, implantado ao sistema político brasileiro, como solução para a ‘boa raça’”, tais populações foram privadas de manter suas identidades e nesse contexto incluem-se também os povos indigenistas, (nativos brasileiros). (MUNANGA, p.448-451).

1.2 Boaventura Sousa Santos, Epistemologias do Sul.

Boaventura nos remete á reflexão acerca das culturas e da produção científica do Sul.

Uma epistemologia do sul assenta três orientações: aprender com o sul; aprender a ir para o sul; aprender a partir do sul e com o sul. Nesta reflexão o autor chama atenção para o reconhecimento da existência da pluralidade e das diversas formas de conhecimento além do conhecimento científico ora produzido no interior das sociedades consideradas periféricas pelas populações colonizadoras. [...] (SANTOS; MENEZES, 2010, P.15)

O autor esboça uma reflexão sobre a possibilidade de epistemologias que venham descontextualizar a forma hegemônica de produção científica que por mais de dois séculos suprimiu as populações descolonizadas sem que houvesse outros modelos epistemológicos em oposição.

Por que razão, nos dois últimos séculos, dominou uma epistemologia que eliminou da reflexão epistemológica o contexto cultural e político da produção científica e

reprodução do conhecimento? Quais as consequências, de tal descontextualização? São hoje possíveis outras epistemologias? (SANTOS; MENESES, 2010, p.15).

A partir desses questionamentos, o autor nos convida a refletir quanto os interesses das elites dominantes, de sua interferência no desenvolvimento da produção científica que historicamente promoveu rupturas, danos irreparáveis às populações colonizadas, em geral, das áreas geográficas do sul, embora, considera-se que, no interior das áreas privilegiadas (da geopolítica do norte), haja populações vivendo as mesmas condições do sul, não são maioria como no sul onde essas populações foram massacradas pelo interesse colonial-capitalista. Para o autor, a epistemologia ocidental dominante se organizou nos moldes da demanda de ações unilaterais, as quais dividem as experiências, os saberes entre os espaços geográficos do sul e norte, o que conforme Santos consiste na divisão geopolítica entre a linha de cá e a linha de lá. O que significa uma divisão apenas fundamentada nos espaços geográficos onde a dominação e subestimação dos povos da linha de cá do Equador foram reduzidas à vontade da epistemologia dos que estão do lado de lá da linha do equador, assim, os povos africanos ou com ancestralidade africana e os nativos que são maioria, foram suprimidos de seus direitos minimamente humanos, em benefício da população eurocentrista e do Norte, por julgar-se superior as demais. (SANTOS; MENEZES 2010, p.20-21).

Os autores apresentam a diferença estabelecida pelos autores da epistemologia do norte em detrimento às do sul, ou seja; os estados norte-americanos e os países europeus, se assentaram sobre um paradoxo de diminuição dos povos das outras Américas, da África, indianos, entre outros, apropriando-se de sua força de trabalho e privando-os de suas culturas e dos direitos enquanto Seres humanos. Essa epistemologia dominante impossibilitou os povos das áreas periféricas (áreas colonizadas) de participar de aprimoramentos políticos e do processo de modernidade, onde a produção científica configurou-se a partir de um único paradigma epistemológico, globalizante, violento, o qual descaracterizou, destruindo, quaisquer outras formas de saber locais. (SANTOS; MENEZES, 2010, p.39-44).

Nesse contexto, o autor propõe a elaboração de novas epistemologias que venham combater a lógica da singularidade cultural e da exclusividade epistêmica com pretensões universalizantes cuja consequência visa à redução de todo conhecimento num único paradigma que desconsidera em especial, os povos americanos e africanos e indianos, entre

outros. O autor sugere a construção de epistemologias que, caracterize a população oprimida enquanto sujeito de sua própria história. (SANTOS, MENEZES, 2010, P, 54-63).

1.3 Risério em Multiculturalismo e sincretismo.

Neste trabalho, Risério apresenta o conceito de Multiculturalismo em uma concepção muito mais política do que teórica, ao expor as identidades das populações descolonizadas num nível de consistência. Ao defender que suas culturas devem ser preservadas dos paradigmas norte-americano, esboça uma crítica ferrenha ao comportamento dos Movimentos Negros brasileiros, por considerar que os mesmos absorveram a cultura hegemônica norte-americana no que tange o processo de miscigenação brasileira e a cultura africana no Brasil. Neste sentido, considera-se uma tarefa muito difícil, a de resumir a tese de um capítulo deste clássico, apenas como parte de uma resenha. Mas tentarei realizar aqui a minha missão.

Ao adentrar a leitura deste livro, num processo de fluidez natural, comum à curiosidade de uma de principiantes no tema em questão e ávida por entender de forma mais profunda o debate iniciado em sala de aula, o qual está sendo elaborado para apresentação no Simpósio na UNFSCAR, refutei-me ler apenas o capítulo sugerido, o que implica maior cuidado para não ultrapassar os limites da questão em estudo.

O autor chama atenção para a questão da Mestiçagem da forma que é posta no Brasil por muitos acadêmicos e catedráticos, o que ele chama de “circo vicioso”. O que consiste em debater o tema em questão, em geral entorno de respostas já existentes, pois a maioria das hipóteses traz em si uma resposta, e, desse modo, os estudos da forma que são feitos no Brasil são desnecessários – entende-se por essa colocação do autor, não o esgotamento do debate e de estudos a acerca da questão racial, mas sim, que tal comportamento pode ser modificado de forma a trazer resultados mais consistentes, amadurecidos em suas elaborações. A partir de pressupostos mais conscientes tanto do ponto de vista histórico quanto sociológico -. Esta construção exige ir além de uma delimitação adequada até o domínio do conhecimento das palavras no que tange o vocábulo cultural e a derivação das palavras.

Acentua uma crítica à tendência com a qual os Movimentos negros no Brasil conduziram a questão racial (miscigenação), e acusa-os de ter vestido o figurino norte – americano, - trata a problemática de adesão à institucionalização de uma política “racialista’

incorporadas às universidades brasileiras”. Daí a crítica, porque segundo Risério, a miscigenação aqui foi vista por grande maioria dos acadêmicos, como ponto de partida para classificar e explicar o Brasil pelo prisma arbitrário racial dos Estados Unidos da América. Chama atenção para que o leitor perceba que há entre os dois Países a questão racial implantada de acordo com as estruturas do lugar, ambas com suas particularidades culturais. – No Brasil, em relação aos Estados Unidos, há apenas uma cultura mais “relaxada” (termo do autor) na condução da questão racial, miscigenação enquanto que nos Estados Unidos existe uma cultura mais rigorosa na determinação de quem é negro e quem é branco. (RISÉRIO, 2007, p.207-209)

Ao refletir sobre o conceito de Culturalismo e Sincretismo, o autor nos conduz aos caminhos da religião para melhor compreender o conceito de sincretismo estabelecido no Brasil desde o Período Colonial, onde os negros eram impedidos de suas práticas religiosas trazidas de sua cultura de origem, da África. Enfatiza principalmente a cultura pelo candomblé em que Exu é a o personagem temido e odiado, frente à capacidade que lhe é atribuída pelas elites dominantes, cultura dominante. (RISÉRIO 2007, P207-209)

A partir da concepção de Risério, embora longe da pretensão de adentrar a academia, o estudante pesquisador deve se atentar ao que disse (RISÉRIO, 2007), para que, ao inserir em sua pesquisa o Conceito de Multiculturalismo e (Sincretismo), especialmente quando tais conceitos forem utilizados enquanto opção teórica e metodológica. – Não constituir uma história na qual apresente sujeitos vencidos e vencedores. Tampouco o congelamento de sujeitos: imagens, cultura e espaço, porque seria abrir caminho para o que o autor trata por “Epistemologia dos Velhacos”. – Seria dar sentido à forma eurocentrista e sua produção histórica hegemônica, cujo caráter limita-se em apontar as diferenças culturais como ‘sub culturas’.

Nesse contexto o autor argumenta as formas de interpretações que foram dadas ao Brasil, o modo de fazer-se cultura e de respeitar as individualidades das culturas locais, e, coloca que a cultura dominante sempre se sobressaiu sem que a antropologia, a história e a sociologia se coloquem, bem como as demais áreas do saber, voltadas aos estudos das humanidades façam intervenções válidas do ponto de vista da respeitabilidade e manutenção das mesmas. (RISÉRIO p.211-219)

1.4 Contraposição, por Antônio Sérgio e José Jorge de Carvalho.

Neste artigo, o professor Antônio Sérgio Guimarães, restringiu a análise do movimento por ações afirmativas ao sistema educacional superior brasileiro, por considerar ser o movimento mais visado pela demanda dos militares, assim, responsável por caracterizar as classes médias e por ser assim, encontram-se respostas nas demandas dos setores político brasileiro de forma quase que imediata. (GUIMARÃES, 2003, p249)

O fato mais marcante na política educacional brasileira depois de 1964, após a derrota das forças nacionais que desejavam um projeto socialista para o país, foi à estagnação da rede de ensino público universitário, em acordo com a expansão do ensino privado em todos os níveis da educação nacional – o fundamental, o médio e o superior foram parcialmente compensados pela rede privada. A partir dessa política adotada pelos governos militares e posteriormente pelos governos democráticos, as populações pobres em sua maioria negra, são radicalmente prejudicadas no que tange o histórico de políticas de educação nacional. (GUIMARÃES, 2003, p.252).

Apesar da defasagem do ensino brasileiro, em especial do ensino superior, somente no governo de Fernando Henrique Cardoso as políticas de ações afirmativas ganharam certo debate, esse fato dá-se frente à luta organizada do Movimento Negro Brasileiro que ganhou expressão durante esse governo, embora de forma tímida. Mas se ampliando e se concretizado, em sua prática, a partir do governo de Luís Inácio Lula da Silva, quando já em 2003 o mesmo sancionou a Lei 10.639/2003. Embora essa lei tratasse da inclusão da História e Cultura africana ou afro-brasileira nos currículos (PCNs), sua implementação fora fundamental para impulsionar a luta por ações afirmativas enquanto reserva de vagas e de permanência nas universidades públicas brasileiras. (CARVALHO, 2012).

Esse movimento por ação afirmativa ganha sentido concreto somente após o governo Lula quando se iniciou dentre as universidades federais, a sua aplicação. Observa-se o que afirma GUIMARÃES na reflexão a seguir,

Nos primeiros tempos, de 1995 até bem recentemente, a reação da sociedade civil, representada pelos seus principais intelectuais e meios de comunicação de massa, foi largamente contrária à adoção de políticas de cunho “racialista”. O movimento negro, assim como os poucos intelectuais brancos que defendiam tais políticas, vira-se politicamente isolados, por mais de uma vez sob a acusação de vocalizar e deixar-se

colonizar culturalmente pelos valores norte-americanos, [...] (GUIMARÃES, 2003, p.254).

Por essa colocação de Guimarães, pelo menos nesse parágrafo, entende-se que há a confirmação da tentativa de impedimento de ordem prática quanto à política de ações afirmativas que considerem a identidade “racial” dos indivíduos. Nesse contexto, o ideário antirracista de negação da existência de “raças” que se fundiu a partir dessa política (de negação) o racismo social.

Acerca da Cota Racial ou ações⁵ afirmativa para estudantes negros no ensino superior, que é um fenômeno que rompe radicalmente com a lógica de funcionamento do mundo acadêmico brasileiro desde a sua origem, no início do século passado, quando as universidades são compostas por uma população, quase que, integralmente branca.

‘A implementação recente de um sistema de cotas para estudantes negros no ensino superior é um fenômeno que rompe radicalmente com a lógica de funcionamento do mundo acadêmico brasileiro desde a sua origem no início do século passado. Por um lado, as Cotas estão provocando um reposicionamento concreto das relações raciais em nosso meio acadêmico, porém com potencial para estender-se à pós-graduação, ao corpo docente e aos pesquisadores. Por outro lado, a polêmica gerada em torno das Cotas coloca questões teóricas e epistemológicas sobre a legitimidade e o estatuto da verdade das interpretações das relações raciais no Brasil, formuladas no interior desse universo acadêmico profundamente desigual do ponto de vista racial. (CARVALHO, 2005, p89⁶).

Assim, as Cotas estão provocando um reposicionamento concreto das relações raciais em nosso meio acadêmico, porém com potencial para estender-se à pós-graduação, ao corpo docente e aos pesquisadores. Por outro lado, a polêmica gerada em torno das Cotas coloca questões teóricas e epistemológicas sobre a legitimidade e o estatuto da verdade das interpretações das relações raciais no Brasil, formuladas no interior desse universo acadêmico profundamente desigual do ponto de vista racial. [...] (CARVALHO, 2005, p90-92).

⁶ <http://www.usp.br/revistausp/68/08-jose-jorge.pdf> Acessado em 03/04/2015 e m 1/06/2005.

1.5 As Formas de Pensar as Culturas⁷ Negras por Hall

STUAR HALL, e sua maneira de pensar cultura popular, especialmente a cultura popular negra, que ancorado na própria experiência esboça a difícil relação entre brancos e negros, e ilustrando outras realidades como, por exemplo, à brasileira. Em uma França hegemônica e racista, no ainda recente século XX. Nascido em Kingston, na Jamaica em 1932, teve uma infância e adolescência cercadas por contradições impostas pelo pertencimento a um país colonizado, cuja cultura familiar pertenceu a do colonizador. Hall, em sua narrativa coloca sua própria experiência para explicar o fator cultural do ponto de vista do colonizador, trama que o envolveu durante toda sua existência. O pai de Hall pertencia a uma família de classe média baixa e mista etnicamente, pois era composta de africanos, indianos, portugueses e judeus. Enquanto que sua mãe pertencia à família de classe média, portanto, colonizadora. O autor expõe a diferença com a qual sempre foi tratado no seio familiar e nota-se que tal conflito transformara sua vida, perpetuando sua memória, especialmente quando o estudo trata da questão da diáspora, mediações e cultura, e principalmente, porque denota os conflitos com os quais convivem essas populações quanto o enfrentamento do problema, às vezes no seio da própria família. Tal comportamento cultural nos leva à reflexão do autor.

Começo com uma pergunta: que tipo de momento é este para se colocar a cultura popular negra? Esses momentos são sempre conjunturais. Eles têm uma especificidade histórica [...] É a combinação do que é diferente com o que é semelhante, define não somente a especificidade do momento, mas também a especificidade da questão e, portanto a estratégia das políticas culturais intervém na cultura popular. [...] (HALL, p.34-36).

É importante discutir a história da vida do autor para se observar as formas pelas quais se dá o preconceito e a discriminação negativa e como os mesmos atingem as pessoas. Ainda se torna pertinente compreender o enfrentamento da questão a partir da convivência cultural

⁷ A opção pelo termo as culturas negras e não cultura negra dar-se porque a autora inspirada nos autores defende que a cultura negra não é a mesma em toda parte, ela varia de acordo com a geografia e geopolítica. (A autora).

posta pelo autor.

Hall critica o comportamento europeu e norte-americano, cujas políticas internas em relação às culturas das populações negras, são traçadas no difícil quadro em que se faz e se produzem políticas culturais e que, neste contexto as culturas negras são traçadas a partir de seus pontos de vistas, o que as tornam desvalorizadas em suas características por serem compreendidas e apresentadas a partir do ideal do dominador.

O autor nos leva a pensar que tal comportamento, tanto dos norte-americanos quanto dos europeus têm fundamentos em certa teoria. Ele exemplifica seu método relacionando-a a proposta de Cornel West⁸ de uma genealogia do presente, no sentido em que foi relacionada às tradições filosóficas cognitivas e intelectuais no contexto Ocidental ao qual se refere. E do Conceito de Momento. Aspectos que o leva a fundamentar-se no Conceito de Momento. [...] “o momento, este momento possui três eixos”. O primeiro eixo é o deslocamento dos modelos europeus, de alta cultura da Europa, enquanto sujeito universal da cultura e da própria cultura. [...]. O segundo momento na concepção de West, analisado por Hall; é o surgimento dos EUA como potência mundial e como centro da produção e acumulação global de cultura. “Esse surgimento é simultaneamente um deslocamento, como centro da produção e acumulação global de cultura” [...] (HALL-2003, p.331-336).

Nessa concepção o autor apresenta a ideia de simultaneidade e mudança hegemônica amparada pelo domínio da produção cultural e viabilizadas através do poder tecnológico e avançados meios de comunicação, mediando à produção de imagens às culturas populares, periféricas, que as absorvem face à emergência do deslocamento das populações ora colonizadas e descolonizadas.

Por fim, o autor apresenta o terceiro eixo que se refere aos impactos do direito e das lutas das populações negras: “A descolonização do terceiro mundo” marcado culturalmente pela emergência da sensibilidade de Fanon, a qual HALL considera na reflexão, a seguir; [...]

⁸ Coronel West Companhia das (Na indicação a seguir encontra-se detalhe o conceito de raça em Coronel West) Letra <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/3/27/mais!/22.html>

“inclui aí o impacto dos direitos civis e das lutas das populações negras pela descolonização das mentes dos povos da diáspora negra”. [...] Nesta reflexão o autor atribui significados ao quadro geral da realidade das populações negras, o que significa acrescentar algumas qualificações a esse quadro geral, conforme a necessidade de considerar-se no presente a cultura das populações negras as epistemologias do momento, diferenciando-os dos modelos epistêmicos estabelecidos pelo domínio da tecnologia e dos meios de comunicação na produção de imagens como influência cultural, (do dominador). “detalhes que torna o momento presente um momento peculiar para se propor a questão da cultura popular negra”, por via de novas epistemologias ou epistemologias do sul, (HALL, 2003, p334 -336).

1.6 Considerações finais

As alternativas culturais, políticas, sociais e econômicas podem e devem ser pensadas a partir da diversidade humana, existindo e coexistidas nos sistemas da geopolítica de um mundo compreendido por sua extensa e significação cultural, mas é necessário que tal fluidez tenha direito a manutenção de suas culturas e identidade sem imposições de outras culturas. Desse modo, os teóricos que sustentam a ideia central desse trabalho, estabelecem uma relação de tempo e espaço para compreender essa diversidade cultural por um olhar em consenso com as formas de vidas e sua dinâmica cultural, social, política e econômica.

Por essa concepção, olhando para o caso brasileiro, há no interior do Brasil diversos grupos que absorveram a cultura do dominador e sua influência refletem os comportamentos que transcendem as culturas populares. E, que passaram a incluir em seus cotidianos elementos da cultura dominante e de sua cultura de origem. Tal comportamento dá-se frente ao excesso de informações que chegam para essas populações através dos meios de comunicação (de massa) ⁹ a propósito do controle dominante, “nacional-popular” como estratégico, porque é no terreno do senso comum que a hegemonia cultural é produzida, deslocada e se torna o espaço de lutas.

Conforme exposição de Stuart Hall, a cultura popular tomou forma dominante da cultura global e esse comportamento explica os espaços enquanto dominação e

⁹ Quando se refere aos meios de comunicação social popular, em geral, em nossa cultura, as referências são culturas de massa, a autora não concorda com o termo e por isto o mentem entre aspas. Fundamentação em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura_de_massa#Cultura_de_massa_e_capitalismo – Acessado em 04/06/2015.

homogeneização onde os estereótipos e as fórmulas de comunicação (codificações) das narrativas e representações que passam pelas elaborações dos burocratas culturais. Por essa ótica, a cultura popular negra são partes dessas formulações e que acabam por esbarrar em contradições, pois, mesmo que haja empenho dos negros (e sempre há) para afastar-se da cultura do dominador, a exposição de elementos, produtos do colonizador se sobrepõe às culturas dominadas, dita pelo dominador por “subculturas”. (HALL, 2003, p.331-335).

Entretanto, é preciso considerar que, ainda assim a cultura negra é um espaço de contestação e estratégica e que não pode ser explicada, analisada ou ainda simplificada em termos de altos e baixos, resistências ou cooptação, autêntico e inautêntico, experiencial e formal ou oposição versus homogeneização.

Existem dois conceitos de cultura popular em Hall, o de cultura mercantilizada e o de estereotipada. O que expressar-se por esse pensamento é que, os acontecimentos no interior de uma cultura, em seu cotidiano, muitas vezes ocorrem em oposição ao que se espera ou se deseja de acordo com as experiências no campo da luta cotidiana, por manutenção da cultura e da identidade negra. Em muitos casos, como no caso do Brasil, os negros e as negras para sobreviver ao impasse do dominador transformam sua cultura em fantasia, as quais se apresentam nas características de origem em forma de fantasia, mas que de fato trazem em si, a representação do real, a identidade do artista, é a mesma do sujeito histórico. Essa é a realidade dos negros brasileiros na luta por sobreviver ao domínio do colonialismo cultural

Neste contexto, os autores afirmam que a organização da sociedade brasileira se deu também, a partir da construção do povo negro, embora os mesmos não pudessem usufruir de seus benefícios completamente, em todos os momentos. Desse modo, confirmam-se as lutas dos Movimentos Negros e seus argumentos de que hoje são necessárias as demandas das ações afirmativas, enquanto reserva de vagas universitárias na academia pública, bem como em outras universidades públicas da federação, como forma de reparação de dano causado a estas populações durante e após o longo processo de escravidão brasileira, que durou por aproximadamente quatro séculos, mas que seus resquícios ainda são observados no presente, por meio da exclusão acadêmica na Universidade de São Paulo, (USP).

1.7 Bibliografia

BOAVENTUEA, S.S; MENEZES, M.P. (Org.) Epistemologias do Sul, Editora Cortez – 2010.

CARVALHO, José Jorge de. O Confinamento Racial no Mundo Acadêmico Brasileiro. 2005 p89-92 - Disponível em <http://www.usp.br/revistausp/68/08-jose-jorge.pdf>

GUIMARÃES, A.S – Cadernos de Pesquisa n. 118, marco/2003. TEMAS EM DEBATES: Ações Afirmativas – Acesso aos Negros às Universidades Públicas - (Departamento da Sociologia da faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP – Pp.247 -257). Acesso - <http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16836.pdf>.

Hall, Stuar. Da diáspora: mediações culturais - (cap. Os estudos Culturais e Cap. Que negro é esse na Cultura negra – Ed. UFMG, 2003. P34-336.

MUNANGA, Kabengele, Mestiçagem como Símbolo de identidade brasileira. In: Epistemologias do Sul, (org.) Boaventura de Sousa e Santos e Maria Paula Meneses, São Paulo: Cortez 2010. P. 444 – 453;

MUNANGA, Kabengele, Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil (identidade nacional versus identidade negra), Petrópolis, Editora Vozes, 1999. P19 -53

RISÉRIO, Antonio. A Utopia Brasileira e os Movimentos Negros, São Paulo: Editora 34 – 2007 (cap. Sincretismo e Multiculturalismo).